

Deepfakes colocam em xeque a prova visual e desafiam empresas e Justiça

Avanço de falsificações por voz e vídeo enfraquecem a confiança em registros audiovisuais e pressionam empresas, tribunais e sistemas de verificação

O avanço acelerado dos deepfakes de voz e vídeo está redesenhando um dos pilares da sociedade digital: a confiança na imagem e no áudio como prova. Se até poucos anos registros audiovisuais eram tratados como evidência quase incontestável, hoje perdem força diante de tecnologias capazes de replicar rostos, vozes e expressões com alto grau de realismo, ampliando riscos para empresas, cidadãos e sistemas jurídicos.

Abner Crivellari, fundador da DIOTI, avalia que o avanço dos deepfakes já ultrapassou o campo técnico e passou a afetar diretamente a lógica de validação da informação. “A prova visual deixou de ser um elemento de confiança automática. Hoje, qualquer organização precisa assumir que imagem e voz podem ser manipuladas e que a verificação precisa ir além do que é visto ou ouvido”, afirma.

Quando ver e ouvir já não basta

A sofisticação técnica dos deepfakes reduziu drasticamente o custo de produção dessas falsificações. Estudo da Universidade de Stanford aponta que modelos recentes conseguem clonar vozes humanas a partir de poucos segundos de áudio, enquanto ferramentas de vídeo já reproduzem expressões faciais, movimentos e sincronização labial em tempo quase real.

Esse avanço enfraquece protocolos tradicionais



de autenticação, historicamente baseados em chamadas de vídeo, gravações e áudios enviados por aplicativos.

Esse cenário pressiona empresas a reverem práticas internas. Segundo a Gartner, até 2026 pelo menos 30% das organizações no mundo devem enfrentar incidentes relevantes ligados ao uso de deepfakes, seja em fraudes financeiras, seja em crises reputacionais desencadeadas por vídeos ou áudios falsos atribuídos a executivos e porta-vozes.

Impactos diretos no ambiente corporativo

No ambiente corporativo, os riscos vão além dos golpes pontuais. Levantamento da PwC mostra que deepfakes já são utilizados para disseminar desinformação estratégica, interferir em negociações, manipular ações e pressionar decisões internas. Mesmo quando desmentido, esse tipo de conteúdo costuma gerar ruído prolongado, afetando a confiança de

investidores, parceiros e consumidores.

Crivellari avalia que muitas empresas ainda tratam o problema como exceção. “O foco sempre foi proteger dados e sistemas, mas a comunicação executiva virou um novo vetor de ataque. O deepfake explora exatamente essa fragilidade”, afirma.

Para ele, o desafio está em integrar segurança da informação, governança e treinamento de pessoas em um mesmo plano.

A Justiça diante da crise de autenticidade

O impacto também chega ao sistema jurídico. Relatório do World Economic Forum alerta que a admissibilidade de provas audiovisuais tende a se tornar mais rigorosa, com maior dependência de perícia técnica, análise de metadados e cadeias de custódia digitais. Em diferentes países, tribunais já discutem padrões mínimos para validar vídeos e áudios apresentados como evidência.

Na avaliação de Crivellari, o debate é inevitável. “Não se trata apenas de identificar se um vídeo é falso, mas de reconstruir a confiança em todo o processo que envolve produção, armazenamento e apresentação da prova”, diz. Segundo ele, tecnologias como assinaturas digitais, certificações criptográficas e blockchain devem ganhar espaço como complementos à análise pericial tradicional.

Caminhos para reconstruir a confiança

Diante desse contexto, especialistas defendem uma abordagem preventiva. Análise da MIT Technology Review indica que organizações que combinam autenticação em múltiplas camadas, protocolos de verificação de identidade e treinamento contínuo de equipes conseguem reduzir significativamente o impacto de ataques baseados em deepfakes.

Ao mesmo tempo, cresce o investimento em ferramentas de detecção, embora pesquisadores reconheçam que a corrida entre criação e identificação de falsificações segue em ritmo desigual.

Para Crivellari, reconhecer a mudança de paradigma é o primeiro passo. “A lógica do ‘ver para crer’ ficou para trás. A credibilidade da prova visual agora depende de contexto, tecnologia e processos bem definidos. Quem entende isso mais cedo reduz riscos jurídicos, financeiros e reputacionais”, conclui.

Negócios & Carreira



Fabiana Monteiro (*)

Da engenharia no Brasil à liderança em Portugal: a trajetória internacional de Paulo Saraiva

A jornada de um líder que transformou dados em valor público ao longo de uma carreira internacional

Engenheiro civil de formação, **Paulo Saraiva**, Diretor no **Instituto Nacional de Estatística de Portugal**, construiu uma trajetória sólida e consistente marcada pelo serviço público, pelo rigor técnico e por uma visão de liderança orientada ao propósito. Nascido em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, é filho de pais portugueses que atravessaram o Atlântico em busca de novas oportunidades. Viveu a infância e a juventude entre São Caetano do Sul e São Paulo, onde estudou em escolas públicas que tiveram papel decisivo na sua formação intelectual e humana.

Desde cedo, destacou-se pelo interesse por matemática, ciências e língua portuguesa. A formação na **Escola Politécnica da Universidade de São Paulo** representou um divisor de águas. Mais do que conhecimento técnico, ali desenvolveu uma forma estruturada de pensar, pautada pelo rigor, pela curiosidade e pelo senso crítico — competências que moldariam toda a sua atuação profissional.

Aos 23 anos, tomou uma decisão que redefiniria o seu percurso: mudou-se para Lisboa. Em Portugal, construiu sua vida pessoal e profissional, formou família e consolidou uma carreira de mais de três décadas no Instituto Nacional de Estatística, onde atua há 35 anos. Atualmente, é responsável pela gestão de dados, envolvendo censos, pesquisas e fontes administrativas, com a convicção de que dados bem tratados são fundamentais para a democracia, para a confiança institucional e para o desenvolvimento da sociedade.



Paulo Saraiva.

Paulo Saraiva assumiu funções de liderança ainda jovem, convivendo com profissionais mais experientes e aprendendo, na prática, que liderar não é deter todas as respostas, mas saber ouvir, perguntar e criar condições para que as pessoas entreguem o seu melhor. Ao longo da trajetória, compreendeu que o crescimento sustentável nasce da determinação, do rigor, da aprendizagem contínua e do valor do exemplo cotidiano.

Sua carreira não seguiu um roteiro convencional. Ao migrar do **Brasil para Portugal**, precisou adaptar-se a um novo contexto cultural e profissional, exercitando escuta ativa, respeito e paciência. Esse processo fortaleceu sua visão de que humildade e confiança não são opostas, mas complementares, e que a coerência é um valor essencial para quem lidera.

Para ele, a liderança no topo envolve responsabilidade e, por vezes, solidão — não pelo isolamento, mas pelo peso das decisões. Por isso, valoriza ambientes de confiança, partilha e corresponsabilidade. Mantém um círculo restrito de pessoas de confiança, com quem troca visões francas e, por vezes, divergentes, acreditando que decisões mais equilibradas nascem do confronto respeitoso de ideias.

Com o tempo, sua noção de sucesso também evoluiu. Se no início da carreira o sucesso estava associado ao reconhecimento, hoje está ligado à coerência, à ética, ao impacto positivo e ao legado deixado. O reconhecimento, para Paulo Saraiva, é consequência — nunca o objetivo central.

Leitor atento e interessado pela filosofia, especialmente pelos pensadores estoicos, inspira-se na ideia de distinguir o que depende de nós daquilo que não depende. Essa clareza orienta sua atuação como líder e cidadão, trazendo serenidade, foco e melhores decisões.

Ao refletir sobre o futuro e sobre as **histórias** que merecem ser contadas, Paulo Saraiva valoriza aqueles que fazem a diferença longe dos holofotes: profissionais comprometidos com o serviço público, a ética e o bem coletivo. É nesse tipo de liderança silenciosa, consistente e responsável que ele reconhece a verdadeira força das instituições e da sociedade.

(*) Chairman, CEO da Editora Global Partners – Affiliated to Institute of Coaching at McLean Hospital, associate Harvard Medical School – (ICPA).
Conselheira de empresas.

Conflito EUA x Venezuela pode atingir o Brasil?

Governo reforça fronteira em Roraima e especialista alerta para impactos migratórios, econômicos e diplomáticos. A escalada do conflito entre Estados Unidos e Venezuela já provoca reflexos diretos na América do Sul e acende um alerta no Brasil. Nos últimos dias, os Estados Unidos intensificaram operações para restringir a capacidade econômica do regime venezuelano, com foco no setor petrolífero, que é a principal fonte de receita do país. As medidas incluem apreensão de navios e sanções estratégicas, o que agrava a crise econômica interna e aumenta a pressão social sobre a população venezuelana.

Como resposta preventiva, o Ministério da Justiça e Segurança Pública autorizou o envio de reforços da Força Nacional para áreas sensíveis da fronteira norte do Brasil, como no estado de Roraima, afim de ampliar o controle territorial, coibir atividades ilícitas e monitorar possíveis novas ondas migratórias, a operação é inicialmente prevista para 90 dias.

Segundo dados da plataforma regional R4V, quase 6,9 milhões de venezuelanos vivem hoje fora de seu país, distribuídos principalmente entre países da América Latina e do Caribe. O Brasil está entre os principais destinos, com mais de 680 mil venezuelanos que ingressaram no território nacional desde o início da crise migratória, concentrados sobretudo em Roraima e posteriormente redistribuídos por meio do programa de interiorização.

Organismos internacionais, como a ACNUR, alertam que qualquer agravamento do cenário político ou econômico na Venezuela tende a gerar deslocamentos rápidos e em grande escala, pressionando sistemas locais de saúde, assistência social, moradia e educação, principalmente em municípios de fronteira.

Além da migração, especialistas apontam riscos indiretos para o Brasil no campo econômico e da segurança regional. A instabilidade venezuelana pode afetar rotas comerciais, elevar custos logísticos e favorecer a atuação de organizações criminosas envolvidas com tráfico de drogas, contrabando e exploração ilegal de recursos naturais em áreas fronteiriças.

Para o advogado Dr. Diego Felis Sales, especialista em imigração e Relações Internacionais, o Brasil precisa se preparar para um cenário de instabilidade prolongada: “Toda vez que há uma intensificação de sanções ou ações militares que atingem diretamente a economia venezuelana, o efeito imediato é o aumento do deslocamento populacional. O Brasil, como país fronteiro, sente esse impacto primeiro. A movimentação das forças de segurança indica preocupação com esse cenário”, afirma.

Segundo Diego, o país possui base legal para acolhimento humanitário, mas o desafio está na execução. “Re-

forçar a segurança é necessário, mas não suficiente. É preciso ampliar a coordenação entre União, estados e municípios, além de fortalecer parcerias internacionais para evitar sobrecarga dos serviços públicos e garantir a proteção dos direitos humanos”, explica.

No campo diplomático, Sales destaca que o Brasil terá de manter um equilíbrio delicado, pois o país precisa defender a estabilidade regional e manter um diálogo multilateral, sem se afastar de parceiros estratégicos nem ignorar os efeitos internos de uma crise que acontece logo ao lado do nosso território.

Para os próximos dias, há dois cenários principais a serem avaliados:

- Contenção do conflito, com manutenção de sanções e ações pontuais, permitindo ao Brasil gerenciar os impactos com reforço de segurança e políticas de acolhimento;
- Escalada regional, com aumento expressivo do fluxo migratório, pressão sobre Roraima e riscos ampliados à segurança e à economia local.

Em ambos os casos, o consenso entre especialistas e analistas é que os efeitos do conflito EUA x Venezuela já ultrapassaram as fronteiras diplomáticas e passaram a integrar a agenda de segurança, imigração e política externa do Brasil.